

O TÍTULO DO NÚMERO
(Sujeito, Objeto, Letra e Número)

Helson Ramos

“O inconsciente é estruturado como os ajuntamentos de que se tratam na teoria dos conjuntos como sendo letras “.

J. Lacan, O Sinthoma, pág.18.

O título desta comunicação é uma referência ao livro “O Título da Letra”, de Jean-Luc Nancy e Phillipe Lacue-Labarthe, publicado em 1973 pelas “Editions Galilée”, ao qual Lacan dedicou comentários elogiosos no Seminário 20 “Mais Ainda”, do mesmo ano, e a intervenção que faço sobre ele, trocando “Letra” por “Número” já indica meu propósito que é o de aproximar esses dois conceitos a partir da postulação de que a noção de “Letra” em Lacan necessita do pensamento do número como fundamento essencial para ser melhor esclarecida.

Ele recomenda aos participantes dos seus Seminários que leiam o livro (Mais Ainda, pág.88) e fala da sua satisfação em ter constatado que esses autores, apesar de não frequentarem os seminários, conseguiram fazer uma boa leitura do que consta nos seus “Escritos”, especialmente do texto “A Instância da Letra no Inconsciente ou A Razão depois de Freud”, uma vez que ele se queixava de que raríssimos frequentadores conseguiam ler de forma consistente o que ele havia produzido.

Lacan reconhece que é uma recomendação paradoxal porque, por outro lado, diz que o livro foi escrito “com as piores intenções” ligadas ao fato de que uma boa leitura, que é sempre uma leitura crítica, visa dessapor o saber de quem escreveu.

E ele próprio critica as últimas “vinte ou trinta” páginas finais do livro, que diz ter lido em diagonal, onde os autores, diante “do impasse onde meu discurso foi feito para conduzi-los”, como diz Lacan, concluem que esse impasse é uma confusão, sem ter como se dar conta que levar um texto aos impasses de sua formalização, aos tropeços perante o indecível e o indiscernível, é topar com o Real como impossível, e isto é esclarecimento e não confusão como eles pensaram.

No “Mais Ainda” Lacan diz: “O real só poderia se inscrever por um impasse da formalização. Aí é que eu acreditei poder desenhar um modelo a partir da formalização matemática, no que ela é a elaboração mais avançada que nos tem sido dada produzir da significância”.

O outro ponto que teria feito Lacan não recomendar a leitura das páginas finais do livro parece ser sua discordância em relação à redução do seu pensamento sobre a fala, o significante e a letra, como sendo inteiramente fundamentado na Filosofia da Linguagem de Heidegger.

Como atualmente podemos dispor do que Lacan produziu em seguida, fica evidente que a boa leitura feita pelos autores encontrou limitações históricas determinadas principalmente por se aterem ao texto “A Instância da Letra” e outros constantes dos Escritos, como “Lituraterra”, sem poder contar com o que se desenvolveu em seguida nos Seminários.

O aconselhamento de que devemos ler “O Título da Letra” prende-se ao fato, sancionado por Lacan, de que os autores o leram corretamente por demonstrarem como a partir da teoria do signo linguístico de Ferdinand de Saussure a Psicanálise lacaniana avança para uma “Lógica do Significante”, culminando numa “Ciência da Letra” como está na “Instância da Letra”.

“Lógica do Significante” é um tema que havia sido tratado por J.A. Miller num texto chamado “A Sutura-Elementos para uma Lógica do Significante”, e o subtítulo da “Instância da Letra” que é “Ou a Razão depois de Freud” celebra o acontecimento Freud ou a intervenção de Freud na cultura como uma ruptura epistemológica, no sentido de Bachelard, uma ruptura que muda o curso da razão humana, do “Logos” dos gregos ou do “Ratio” dos Latinos de onde deriva a palavra “razão”, e leva Lacan a propor que essa mutação da razão enseja uma reclassificação de todas as ciências existentes, onde acrescenta à Epistemologia das Ciências a categoria inédita de “Ciências Conjecturais” (Instância da Letra, pág. 499).

As conjecturas de qualquer postulado são hipóteses e, como tais, admitem verificações de seus valores de veracidade ou falsidade através de provas lógicas que as podem estabelecer como axiomas e formalizar em matemas.

Nosso desafio aqui é organizar a forma pela qual o Inconsciente renovado por Lacan, estruturado como uma linguagem, depende primeiro da operação exercida sobre o Signo Linguístico com a autonomização e primazia do significante; em segundo lugar, de como este significante produz um Sujeito por operar como uma letra que o representa no Inconsciente e, finalmente, porque a operação da letra no inconsciente necessita do número como fundamento lógico, elevando assim o número à categoria da elaboração mais avançada da significância, como disse Lacan.

Os autores justificam a troca do termo “Instância”, de Lacan, por “Título da Letra”, no sentido da palavra “Título” designar “documento que estabelece um direito, atesta uma propriedade ou qualidade” e também “aquele do título que designa o quanto de ouro ou prata que tem uma moeda”, referências que remetem a direito e garantia formalizadas de posse, como um nome próprio que denota um valor real, pois não há dúvida de que o nome próprio de uma moeda, como “cem reais” ou “dez dólares”, são nomes de números, que denotam valores reais do equivalente universal de todos os valores.

Da mesma forma os nossos numerais atuais não são números, assim como não são os algarismos, os signos que os denotam. Um, dois, três são nomes de números ou títulos de números, e os próprios números são do real que é não-simbolizável. Como diz Lacan no RSI, o referente da significação é o real, e também “toda abordagem do real é tecida pelo número”.

Quanto ao termo “Instância”, utilizado por Lacan, eles pesquisam no “Littré” e no “Robert”, apurando o significado de “solicitação que pressiona” como na frase “pede-se insistentemente”, tratando-se daquilo que insiste e, por extensão, instância vem a ser autoridade judiciária, aquela que decide ou determina, o que podemos também pôr no lugar de causa. Daí eles concluem que instância da letra quer dizer autoridade da letra, que ela insiste e nos comanda no Inconsciente.

Mas eles também têm o cuidado de nos informar (pé da pág.33) que Benveniste, em 1956, havia proposto o conceito de “Instância do Discurso” e que Quine, em 1972 (Lógica Elementar, pág.74) definiu que “Toda proposição é a instância de uma letra qualquer” se referindo às proposições que podem ser substituídas por uma letra empregada como número num cálculo de proposições, algebrização que transforma letra em número, e assim vemos como a escolha do termo “instância”, por Lacan, tem antecedentes linguísticos e lógicos que complementam suas raízes etimológicas.

Se o real é o impasse da formalização, que em si é escrita e só se faz pela escrita, convém abordar as articulações entre a Palavra, o Significante e a Letra justamente pelos seus paradoxos, suas

antinomias ou contradições, pois paradoxo é o nome próprio dos impasses da formalização em lógica, ou seja, o paradoxo é o lugar do real, a borda do real. Em “Lituraterra” Lacan diz que “a letra desenha a borda do furo do saber”, que é o lugar do real.

O paradoxo da palavra pode ser assim expresso: uma palavra é e, ao mesmo tempo, não é um significante ou, em outros termos, uma palavra pode ou não ser elevada à categoria de significante.

Exemplo banal da realidade: duas pessoas se casam solenemente, e empenham suas palavras perante os convidados, o juiz, o padre e até os deuses em que acreditam, além dos proclamas que são anúncios ao mundo, de que se amarão, respeitarão e cuidarão até que a morte os separe, ou seja, que dali por diante serão um casal, formarão uma família; só que eles brigam na noite de núpcias e no dia seguinte estão separados.

Como diziam os latinos antigos, as palavras voam mas a escrita permanece (VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT). Nosso exemplo esclarece que as palavras empenhadas por esses dois na constituição da significância do casamento são VERBA VOLANT, palavras aos ventos, voadoras, ou falas vazias, como dizia Lacan, porque os atos subsequentes deles não as validaram como verdadeiras ou como significantes, e assim elas tornaram-se, literalmente, palavras insignificantes, prova de que o significante tem compromissos com as questões da verdade e da realidade.

Se esses dois permanecessem fiéis ao acontecimento ou evento “casamento”, como diz Alain Badiou, se os seus atos correspondessem aos seus votos, suas demandas ou seus ditos, as palavras que fundam o evento casamento seriam significantes, escrita que permanece, simplesmente porque esse evento se inscreveria em atos, como verdade e como realidade.

A partir dessa fidelidade as duas pessoas não seriam as mesmas que antes, seriam transformadas pelo evento, pois sabemos que um pacto desses implica uma série complexa de responsabilidades, trocas, obrigações e compromissos entre eles que passariam a ser dois em um ou um casal, prova que o ato ou o fazer significante fende, racha, divide a realidade entre um antes e um depois, como dizia Nietzsche, fundando nova realidade, novos sujeitos, e se inscrevendo como um ponto nodal na trama da existência de cada uma delas. Em “O Ser e o Evento” (pág.109) Badiou diz: “O evento nos obriga a decidir uma nova maneira de ser”.

A fidelidade ao acontecimento, que inscreve as palavras como verdadeiras pelas provas dos atos que as validam, justifica o conceito de representação (VORSTELLÜNGEN) proposto por Freud no Inconsciente e retomado por Lacan, já que se permanecem casados esse significante representaria cada um deles perante os demais significantes da Língua que utilizam, pois o evento casamento fundaria e sustentaria no tempo ou na realidade novos sujeitos ou novas formas de serem sujeitos, sujeitos casados.

É certo que um significante depende da palavra como seu suporte material, mas uma palavra só é ou só tem valor de significante quando se escreve como letra na existência, ou seja, quando permanece na diacronia, sustentada pelos atos.

Então o significante, rigorosamente, é uma palavra que diz, uma palavra quando diz; é um dizer que não exclui o ato de que se o diga e exige a fidelidade que é o acordo entre o dito e o dizer, entre o dito e os atos, entre o que se diz e o que se faz.

Nem sempre falar é dizer, e quando palavra fala e diz ela é também um fazer como definiu o linguista inglês Austin, citado por Lacan. Ela é praxe e ato, memorial de um acontecimento transformador que Freud chama evento traumático e Lacan chama de significante.

Conclui-se que esse evento significante ou esse significante que denota o acontecimento ou evento de novos sujeitos, porque transformados por ele, se inscreveu como letra uma vez que

se fixou no psiquismo e na existência, como dizia Freud, e ainda por cima permanece na estrutura temporal da repetição como identidade ou repetição do mesmo, já que as identificações dos seres-de-fala ou a fidelidade deles produz novas identidades, estando aí os nós das articulações entre Palavra, Significante e Letra.

A materialidade do significante, então, não está apenas na materialidade fônica ou grafêmica das palavras das quais depende como suporte material, mas nessa outra materialidade que é sua eficácia em produzir um sujeito de sua significação, localizá-lo em seu surgimento ou em sua produção e sustentá-lo na diacronia que é o tempo, e isso equivale à sua inscrição como letra, aquilo que permanece por estar escrito na existência e comanda os atos dos que lhe são fiéis ou lhe dão esse valor de significante.

A letra é postulada por Lacan como razão do inconsciente, como está em “Lituraterra”, porque em Psicanálise trabalhamos com a fala, usamos a fala como instrumento para tratar de um sujeito do inconsciente que se manifesta pela fala e por ela é constituído a ponto de ser nomeado por Lacan como PARLÊTRE, Ser-de-Fala, inaugurando uma Ontologia da Fala.

A fala (PAROLE) não é a palavra (MOT), tanto assim que Lacan intitulou seu texto inaugural a respeito como “Função e Campo da Fala”, e não “Função e Campo da Palavra” como as vezes se traduz. A fala é um dizer que supõe um sujeito de sua enunciação, um sujeito que se utiliza de palavras para falar, para dizer e se dizer na medida em que certas palavras ganham valor de significantes para ele e operam por representarem ou conotarem eventos traumáticos, fundadores, transformadores ou produtores de novos sujeitos. E, por outro lado, sabemos que se pode proferir quilos de palavras sem se ter nada a dizer.

O valor, a importância que faz com que um vocábulo da língua, que é uma colagem de fragmentos ou pulsos sonoros, seja eleita como representante de um acontecimento que teve função de ato modificando e determinando o curso da vida de um sujeito, revela o sentido da letra, realiza a instância da letra no inconsciente.

Resta-nos definir como o significante, estabelecido por Lacan, participa de uma lógica que justifica inscrevê-lo numa Ciência da Letra e parte do pensamento do número como a elaboração mais avançada da significância.

Trata-se de uma ciência no sentido especial que Lacan dá a esse termo, pois para ele os critérios tradicionais que qualificam uma ciência, como o isolamento de um objeto, a constituição de um método e uma linguagem próprias assim como as provas práticas da replicabilidade dos experimentos, ainda que sejam indispensáveis, são secundárias.

A epistemologia científica que adota, que ele credita a seu mestre em Filosofia das Ciências, Alexander Koyré, estabelece que uma ciência se determina e se afirma, no sentido que eles consideram moderno, a partir da formalização de um algoritmo que a fundamenta (A Instância da Letra, pág.500 / O Título da Letra, pág. 41).

É por isso que a Linguística Estrutural de Ferdinand de Saussure é, para ele, a primeira linguística realmente científica, pois é evidente que o signo linguístico, sobre o qual Lacan atua, é uma escrita algébrica formalizada onde os termos são letras, resultando no matema psicanalítico lacaniano que escreve S maiúsculo e minúsculo separados por uma barra resistente à significação que estabelece dois TOPOS, dois lugares ou campos distintos, o da série dos significantes e outro da série dos significados, sendo a significação produzida como significado a partir do corte retroativo dos pontos de basta, que são as pontuações do discurso concreto, tratando-se de um matema topológico, única forma de um saber que toca o real, como todo matema.

Isso esclarece como a função da letra remete à estrutura metafórica e metonímica da linguagem.

Da mesma forma Lacan esvazia o objeto da Psicanálise qualificado por Freud como “O Inconsciente” ao nomeá-lo como “Objeto @”, um elemento literal, uma letra, que é in-substantiva e inqualificável como adjetivo, escapando da polissemia dos signos. Em “O Sinthoma” ele diz que “a linguagem está ligada a alguma coisa que no real faz furo. É por essa função de furo que a linguagem opera seu domínio sobre o real” (pág.31), e também diz que “não há verdade possível como tal, exceto ao se esvaziar esse real” porque, como diz Badiou “o real é um encontro de um termo, de um ponto, um só, em que a potência da verdade se interrompe”.

Para Lacan isso é suficiente para “explicar a dominância da letra na transformação dramática que o diálogo pode operar no sujeito” evidenciando que “todo discurso revela alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura, como uma polifonia” (Instância da Letra, pág. 507).

O essencial a ser retido aqui é o fato de nos servirmos da linguagem para localizar uma função mais digna que a comunicação e a produção de significados, “a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade”. (Instância da Letra, pág. 508).

Por isso, ao citar a segunda Epístola de São Paulo aos Corintos, que diz que a letra mata enquanto o espírito vivifica, Lacan inverte a lógica do determinismo aí implicado e se pergunta: “Como, sem a letra o espírito viveria?”, e conclui: “A letra comprova produzir todos os seus efeitos de verdade no homem, sem que o espírito tenha que se intrometer mínimamente nisso” (pág. 513) postulando assim que é a letra que faz e comanda o espírito ou o Ser, ou que é a letra que nos vivifica.

Nesse ponto os autores do Título da Letra são precisos ao observar que um algoritmo designa um processo de cálculo algébrico e de notação diferencial constitutivo de uma lógica algorítmica ou lógica simbólica (pág.41).

O estabelecimento das ciências modernas, então, se inicia com a formalização dos sistemas axiomáticos, que têm como paradigma inaugural os Elementos de Euclides, e se complementa com a algebrização e topologização que só emergem entre os séculos XVIII a XX a partir da axiomática de Gotlob Frege sobre as séries numéricas, seguidas por todos que participaram da edificação do pensamento do número conforme Lacan acessou na produção do grupo Nicolas Bourbaki.

Assim a letra, que comanda no inconsciente, se esclarece como número, já que nos matemas as letras operam e são substituíveis por números. O significante pelo qual Lacan denota a letra no inconsciente, não por acaso escrito como S1, uma letra/número, representa um sujeito de sua significação para os demais significantes da Língua que cada Ser-de-fala utiliza.

Frege já dizia que o Zero representa um UM para os outros UNS da série aritmética, formulação que Lacan retoma dizendo que um significante representa um sujeito para os outros significantes.

Nasio, em “A Criança Magnífica da Psicanálise”, descreve assim a operação de engendramento do sujeito pelo significante: “Há, pois, uma estreita afinidade entre o sujeito e o zero, ainda mais íntima e importante se se considera essa função que lhes é comum: tanto um quanto o outro asseguram, por seu lugar, o movimento da série dos números. Assim quando definimos o sujeito do inconsciente como efeito do significante no ser falante, queremos dizer que o desfile dos significantes faz de nós uma constante, um zero, uma falta, um pilar faltoso que vai precisamente sustentar toda a cadeia”.

Segundo Badiou, essa teoria da causalidade da falta também se encontra em Althusser que afirma que uma estrutura só funciona sob a condição de um lugar vazio, cujo lugar é a própria

noção de conjunto vazio que a teoria dos conjuntos autoriza como Zero que, para Badiou é a marca matemática do Ser-enquanto-ser pág.66).

Essas são algumas questões preliminares que justificam que, a partir do Título da Letra, tenhamos nomeado esta comunicação como Título do Número, afirmando a identidade fundamental entre letra e número na função do significante lacaniano.

É por isso que a partir do sujeito freudiano que é desejo, e pelo fato de que esse desejante em Lacan só poder ser articulado na linguagem pelas noções de hiância, buraco e falta-a-ser, como diz Heidegger, Alain Badiou tenha inscrito o significante e a letra lacanianos como fundamentando uma Ontologia Subtrativa ou Negativa que ele opõe às ontologias já estabelecidas em Filosofia, que ele nomeia como Ontologias da Presença, na qual o significante que representa um sujeito, assimilado ao zero, se conta sem ser, porque o inconsciente é um contador, como está no RSI e outros trabalhos de Lacan. O Ser se subtrai tanto da representação como da apresentação, sendo o nome próprio do vazio operante que o zero denota.

Em “Para uma nova teoria do sujeito”, no tópico sobre Filosofia e Psicanálise, Badiou diz: “Toda teoria consiste em localizar o vazio que autoriza a verdade. Localizá-lo, fazer sua álgebra e sua topologia”.

Salvador, 20 de julho de 2021.

Para o Fórum do “Espaço Moebius, Psicanálise”.